

# REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DE MATIAS AIRES: UM FILÓSOFO LUSO-BRASILEIRO NA CORTE PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII

*REFLECTIONS ON THE VANITY OF MATIAS AIRES: A PORTUGUESE-BRAZILIAN PHILOSOPHER AT THE 18TH CENTURY PORTUGUESE COURT*

Rafael Penido Vilela Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar os contornos da obra *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, publicada em 1752 pelo filósofo luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763), à luz dos aspectos biográficos do autor que mais influenciaram na formatação do conteúdo e na escolha do tema. Para tanto, será realizado um trabalho historiográfico capaz construir uma análise hermenêutica que consiga capturar o espírito do texto em seu sentido profundo. A intenção é preencher as lacunas existentes nos estudos sobre Matias Aires, além de considerar a necessidade de se debruçar sobre a obra do primeiro filósofo nascido em terras brasileiras.

**Palavras-chave:** Matias Aires. Vaidade. História da filosofia em Portugal

**Abstract:** The objective of this article is to present of the book *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, published in 1752 by the Portuguese-Brazilian philosopher Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763), in the light of the biographical aspects of the author that most influenced the formatting of the content and in choice of theme. To this end, the historiographical work will be carried out capable of constructing a hermeneutic analysis that is able to capture the spirit of the text in its profound sense. The intention is to fill the gaps in the studies on Matias Aires, in addition to considering the need to look at the work of the first philosopher born in Brazilian lands.

**Keyword:** Matias Aires. Vanity. History of philosophy in Portugal.

## Introdução

Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763) foi o autor das *Reflexões sobre a Vaidade dos homens: ou Discursos Morais sobre os efeitos da Vaidade oferecidos a El-Rei Nosso Senhor D. José I*, uma obra publicada originalmente em 1752. É considerado o primeiro filósofo nascido em terras brasileiras, natural da Capitania de São Paulo: foi um nobre e endinheirado por causa da herança paterna que circulou entre as mais altas esferas da corte portuguesa do século XVIII, ocupando o alto cargo de Provedor da Casa

---

<sup>1</sup> Rafael Penido Vilela Rodrigues é graduado em História (2015) e em Filosofia (2019). Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia na UFMG, bolsista do CNPq, mestrando na linha de pesquisa em Filosofia Moderna e Contemporânea, com ênfase em Filosofia Luso-Brasileira e Filosofia no Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4320512552693634>, bolsista CNPq, [rafaelpenidodh@gmail.com](mailto:rafaelpenidodh@gmail.com). Este artigo deriva da monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da UFMG, para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia, em 2019, intitulada “As entrelinhas das *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*: investigações acerca da influência de La Rochefoucauld na obra de Matias Aires”. Esse artigo também contou com as pesquisas que realizei em Portugal entre 2017 e 2018, através do programa Minas Mundi da UFMG

da Moeda do Império português, mas que em circunstâncias não muito claras perdeu o cargo numa briga com o Marquês de Pombal e na prebenda morreu solitário e misantropo, retirado da sociedade e imerso nos próprios pensamentos.

Suas reflexões pessoais deram origem a uma obra de grande expressão filosófica, apesar do esquecimento posterior, mas que foi composta por problemas existenciais significativos acerca da natureza humana e das relações sociais, tomando a vaidade como ponto de gravitação central de suas meditações. As *Reflexões* de Matias Aires foram inscritas num pessimismo moral e antropológico que fazem seus leitores viajarem para o interior de si, num processo de internalização e autoavaliação que via de regra culmina na reavaliação das suas ações e motivações. A proposta do autor, ao que parece, era descortinar o véu que encobria a ilusória vida de poder, ostentação, bajulação, interesse, fama, ironia, etc., que delineava a sociedade de corte portuguesa no século XVIII e retirar com desprezo as máscaras que escondiam as faces putrefatas dos homens.

O tema escolhido por Matias Aires é a vaidade, que, diga-se de passagem, é bastante complexo e pouco estudado, apesar de ser marcadamente religioso. Não é à toa que o autor toma como ponto de partida o versículo segundo do primeiro capítulo do livro bíblico do Eclesiastes, citando-o logo na contracapa: *VANITAS VANITATUM, ET OMNIA VANITAS*.<sup>2</sup> A palavra de origem latina, *VANITAS*, expressa o sentido de vazio, vão, nada, inútil, transitório, fugaz e efêmero. É uma concepção que encontra suas bases na antropologia moral cristã da negação do corpo e dos prazeres, por serem corruptíveis, mas que Matias Aires identifica vinculada a alma mais do que ao corpo, por ser uma motivação interna. A vaidade é antes de tudo uma *paixão da alma*,<sup>3</sup> um vício que se assemelha a uma espécie de concupiscência que reside essencialmente na alma, porque é capaz de se tornar invisível aos olhos dos demais e pode esconder um vazio maior do que o da aparência, isto é, o vazio da alma. A vaidade é caracterizada pelo apego ao que é vão e supérfluo, preenchendo a vacuidade da vida humana: uma imagem ideal seria a de um balão, que infla com o ar, bem como a alma vaidosa se infla com o vazio da ilusão que a própria vaidade constrói. A vaidade seria aquilo que nasce do vazio, o vazio da alma, e a este mesmo vazio ela deseja preencher. Ela está ligada a convicção individual sobre qualidades ou merecimentos de si próprio, quase nunca baseados na realidade, estando relacionada com as noções de arrogância, gabolice, imodéstia, jactância, orgulho, ostentação, presunção, pretensão, exagero, soberba, etc. Nesses termos, vale dizer, a

---

<sup>2</sup> Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade – Ecl, 1,2.

<sup>3</sup> Cf. AIRES, 2008, §§ 2, 10, 14, 32.

vaidade deseja superar e se nutrir da inconstância do ser humano, ao passo que por isso não faz sentido a aparência, a vanglória, a apresentação de si, o mostrar, pois tudo é temporário e conseqüentemente ilusório.<sup>4</sup>

A obra foi relativamente bem recebida em Portugal, o que se verifica pelas reedições de 1761, 1778 e 1786, incluindo a *Carta sobre a Fortuna* às duas últimas impressões, anexada pelo filho mais jovem do autor, Manuel Inácio, para quem supostamente a carta foi endereçada.<sup>5</sup> Mas as *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* não fizeram escola, talvez pela matéria do livro, ou mesmo pela reduzida capacidade de leitura de portugueses e brasileiros de então, ou ainda pela prevalência de um otimismo antropológico nas últimas décadas do século das luzes europeu. Fato é que as *Reflexões* não acompanham no sentido estrito a produção filosófico-literária do “Iluminismo Católico” português,<sup>6</sup> estando mais atreladas a uma tradição que se inicia na França com Montaigne no séc. XVI, perpassando pelos moralistas franceses do séc. XVII, transplantando para o Portugal setecentista a antiga moda francesa das “*Lettres*”, dos “*Essais*”, das “*Sentences*”, das “*Maximes*” e das “*Reflexions*”, sem muitas referências, argumentos lógicos e consultas, senão ao empirismo psicológico voltado para o próprio coração e a própria vida. Como constata o estudioso Ernesto Ennes (1944, p. 10), da quarta edição de 1786 à quinta, em 1920, transcorreu perto de século e meio de completo abandono do autor luso-brasileiro, o que talvez explique o limbo que sua obra ocupa nas cadeiras universitárias de Portugal e Brasil atualmente.

Não obstante, além da atualidade do tema da vaidade em tempos de vidas virtuais como o que vivemos nessas primeiras décadas do século XXI, faz-se importante o estudo de um autor nascido em terras brasileiras, especialmente tendo em vista a falta de lastro identitário em nossas disciplinas de Filosofia e Ciências Humanas. É preciso frisar que é de extrema importância saber quem somos, quais os nomes do nosso passado, quais são seus cabedais e legados, pois só assim saberemos até aonde podemos chegar, esclarecendo nossas possibilidades e nossos limites. Afinal, as culturas são articuladas em uma unidade imaginada que entrelaçam as memórias do passado, o desejo de viver junto, a perpetuação de uma herança, a projeção de um futuro e a continuidade de uma história compartilhada.

---

<sup>4</sup> Cf. MARGUTTI PINTO, 2003; RODRIGUES, 2019.

<sup>5</sup> Cf. MESQUITA, 1998; REAL, 2008.

<sup>6</sup> Cf. COXITO, 2006.

Neste artigo, portanto, será apresentado sumariamente certos aspectos importantes da vida do autor que julgamos ter forte influência na composição de sua obra, motivando-nos a preencher algumas lacunas, e pelo fato da obra ter sido escrita sem a preocupação de fazer referências ou citações que auxiliem o estudioso no entendimento mais arguto do texto. Essas investigações pretendem percorrer as entrelinhas do texto partindo da vida do autor, para que assim nos aproximemos pelo menos de forma indutiva dos indícios que revelam as influências presentes em seu texto, unindo o seu espírito ou sentido profundo às influências sofridas pelo autor.

### **As *Reflexões* entre o texto e o contexto**

Na Introdução à edição brasileira de 1952, Alceu Amoroso Lima chega a dizer que nas *Reflexões* é possível identificar a experiência de uma vida e o reflexo de um caráter: “Vida solitária e triste, a despeito de tudo o que a fortuna, a cultura, o gênio lhe teriam permitido obter. Caráter misantropo e rebelde, que viveu sempre em oposição ao seu século e ao seu meio” (LIMA, 1952, pp.16-17). A vida do autor de fato é importante na compreensão da obra e, sem dúvida, é um bom caminho a ser seguido. Porém, é preciso que este caminho seja traçado sob um plano historiográfico que consiga contemplar a sua biografia de forma contextual e mostrar o aspecto hermenêutico que se pode capturar de tal análise. Do contrário, não será um caminho filosófico capaz de realizar uma análise hermenêutica sobre o tema da vaidade e a forma como o autor a aborda.

Para tanto, vale a pena ressaltar de antemão que Matias Aires viveu em um momento muito particular da história ocidental, quando a sociabilização portuguesa era determinada essencialmente pelo status social e a vida cotidiana movida pelo poder simbólico. Era uma sociedade escravocrata, mercantilista em seu sentido mais profundo; uma sociedade propícia ao ócio dos poderosos, entre os mandos e desmandos. Aquela foi uma época em que os nobres ficavam a caminhar pela antiga Lisboa, indo e vindo de Sintra e Queluz, anunciando seus quinhões com ostentação, tudo regrado por fartura desmedida, entregues a desperdícios e crenças de que a tudo o dinheiro e o sobrenome davam um jeito. Além disso, era o século das Luzes, quando os preceitos da Razão iluminavam as mentes pensantes, sob o signo da liberdade e da igualdade entre os homens, erguendo as hostes do pensamento burguês de então. De outro lado, paradoxalmente, era também uma sociedade muito religiosa, mas que se alimentava mais da superstição do que da fé, controlados pelo temor do Santo Ofício, atrelados a diversas

ordens religiosas e devotos fieis de muitos santos. Era uma sociedade complexa, hierárquica e segregacionista, onde as relações sociais eram muito tênues, para não dizer artificiais, principalmente em Lisboa, a capital do Império.<sup>7</sup>

Matias Aires nasceu na Capitania de São Paulo no dia 27 de março de 1705. É um brasileiro de nascença, mas, sem dúvida, um lusitano por eleição. Ele viveu apenas seus primeiros 10 anos no Brasil, os quais não foram suficientes para criar laços afetivos com a colônia, não retornando nunca mais e nem a mencionando em seus escritos – talvez por vergonha da condição pessoal de colono em meio à aristocracia metropolitana.

Matias Aires teve uma vida conflituosa, fêrvida, marcada por crises pessoais, dilemas internos e muito preocupado com seu status social. A propósito, teve uma vida um tanto controversa com relação à filosofia expressa em sua obra, que foi escrita dez anos antes da sua morte, quando ele já estava em processo de retirada do mundo e misantropia.

Ele era filho do português José Ramos da Silva, um homem abastado, mas de origem muito humilde, nascido no povoado agrícola de Arrifana de Sousa (Penafiel), na região do Porto, mas que construiu suas posses na América portuguesa e voltou rico para a metrópole. O pai de Matias Aires era destemido, empreendedor, ansioso por liberdade e independência. Ele veio para o Brasil aos 12 anos de idade, quando aportou na Bahia em 1695. Aqui enriqueceu ainda jovem e aos 21 anos, em 1704, se casou com a futura mãe de Matias Aires, a senhora Catarina de Orta: uma paulista de 25 anos, filha de Matias Rodrigues da Silva. Ela era de família prestigiosa na colônia, o que garantiu um casamento pomposo, em capela particular, sendo apadrinhados por duas das mais importantes individualidades da Capitania de São Paulo do século XVIII.<sup>8</sup> A linhagem nobre de Catarina de Orta contribuiu para aumentar a fortuna e o prestígio de José Ramos da Silva, principalmente seu status na sociedade da época.

José Ramos da Silva enriqueceu primeiro como criado de servir, depois fazendo comércio de porta aberta no abastecimento das regiões auríferas. Ele conviveu com o último ciclo dos bandeirantes e a descoberta de pedras preciosas no final do século XVII, na então Capitania de São Paulo (posterior região das Minas Gerais), o que a muitos animara, trazendo grande contingente de portugueses e migrantes de outras regiões do país. O abastecimento da população que viveu em torno da mineração naqueles primeiros

---

<sup>7</sup> Cf. BERLIN, 2006; CALAFATE, 2001; COXITO, 2006.

<sup>8</sup> Manuel Bueno da Fonseca, o Capitão Governador e Izidro Tinoco de Sá, homem importante da Capitania (ENNES, 1944, p.17).

anos do século XVIII foi proporcionado pela produção agrícola com bens de consumo inflacionados, em consequência da chegada de grande número populacional que veio ao Brasil, movidos pela febre do ouro, desprezando e abandonando tudo, não tirando os olhos do minério precioso. Isso enriqueceu rapidamente os comerciantes, que tinham como principal moeda o próprio ouro. O enriquecimento rápido fez com que José Ramos da Silva se tornasse um dos homens mais ricos que viveram no Brasil da época. E além do estatuto de homem rico, influente e filantropo, também trazia o estatuto de herói, por causa das suas contribuições contra os franceses que invadiram o Rio de Janeiro em 1711.<sup>9</sup>

Quando Matias Aires nasceu, seu pai tinha mais ou menos 22 anos de idade.<sup>10</sup> José Ramos da Silva não era um homem das letras, mas tinha a educação necessária.<sup>11</sup> E como era costume das famílias mais endinheiradas, em busca de requinte e ilustração, o pai cuidou da boa educação do filho ainda no Brasil, matriculando-o na Escola dos Jesuítas em São Paulo, onde Matias Aires aprendeu a ler e descobriu a literatura clássica, sendo portanto no Brasil que ele aprendeu as primeiras habilidades de escritor.<sup>12</sup>

A irmã do autor, Teresa Margarida da Silva e Orta, nasceu em 1711, quando Matias Aires estava com 6 anos. Ela também se tornou escritora, autora de uma novela de insinuação feminista nominada *Aventuras de Diófanes*, considerada a primeira obra de uma escritora nascida em terras brasileiras. A sua novela foi publicada pela primeira vez em 1752, o mesmo ano da publicação do irmão, e que também conheceria diversas reedições ao longo do século XVIII. Entretanto, a relação entre os dois irmãos nunca foi amistosa. Em sua vida, Matias Aires entrou em grandes conflitos com a irmã, desde marcantes afastamentos e reconciliações afetivas, até a disputa judicial para retirar dela o direito sobre a herança do pai e o uso do brasão de família – causa que ele acabou perdendo.<sup>13</sup> Tereza Margarida, aliás, foi dona de um gênio forte e precocemente rebelado. Ela havia abandonado o Convento em que foi colocada pelo pai e casado contra a vontade da família, logrando, no entanto, através de sucessivos afastamentos e reconciliações

---

<sup>9</sup> A invasão foi comandada pelo corsário René Duguay-Trouin (1673-1736) e apoiada pelo rei da França, aportando no Rio de Janeiro em 12 de outubro de 1711 e lá permanecendo por cerca de dois meses (Cf. REAL, 2008).

<sup>10</sup> A imprecisão na idade de José Ramos da Silva ocorre por causa da dificuldade com os seus documentos, o que ficou explicitado por Ernesto Ennes, demonstrando que mesmo enquanto era vivo isso ocorreu, de modo que o Tribunal do Santo Ofício deve que solicitar testemunhas que comprovassem a procedência/pureza do seu nome e, além disso, que comprovassem seus dados natalícios.

<sup>11</sup> Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Habilitação do Santo Ofício – Letra J março 23. Documento 384. *apud* ENNES, 1944, p.9.

<sup>12</sup> Cf. LIMA, 1952, p. 9.

<sup>13</sup> Cf. MESQUITA, 1998, p.15.

familiares, resistir com êxito às várias tentativas de ver os seus direitos esbulhados (LIMA, 1952, p 10; MESQUITA, 1998, p.15).

Além da escritora Teresa Margarida, Matias Aires teve outra irmã, com o nome semelhante ao da mãe, Catarina Dorta. Mas, pouco se sabe dessa segunda irmã, não encontrando estudos documentais sobre sua vida.<sup>14</sup>

Em 1716, toda a família partiu para Lisboa. José Ramos da Silva voltava para a metrópole em busca de poder e grandeza. Havia no pai de Matias Aires um profundo desejo de se tornar nobre – o qual talvez o acompanhasse desde os tempos em que veio para o Brasil em busca de enriquecimento, pois se a sua condição de origem não permitia, certamente a fortuna atrairia. Então, cinco anos depois de retornar definitivamente à metrópole, finalmente consegue a obtenção do Hábito de Cristo, em 1721, após ter dois processos de nobilitação recusados por impedimentos e falta de qualidades (MESQUITA, 1998, p. 14). No ano seguinte, em 1722, José Ramos compra por 200\$000 (duzentos mil réis) o alto cargo de Provedor da Casa da Moeda,<sup>15</sup> que, diga-se de passagem, era um dos mais cobiçados cargos da Corte portuguesa, ainda mais no século XVIII com todo o ouro extraído das Minas Gerais entrando por Portugal e inundando a Europa, garantindo a ele a circulação entre as mais altas esferas sociais da época.

Mais tarde, no mesmo ano de sua morte, em 1743, José Ramos da Silva adquire o direito a usar brasão de armas, coroando de vez a nobiliarquia familiar. Matias Aires, sendo o único filho varão, herda o vínculo nobiliárquico e também vem a suceder-lhe no cargo de Provedor da Casa da Moeda (MESQUITA, 1998, p. 15).

Outro fato importante a se considerar sobre a biografia de Matias Aires, é que ao longo da vida ele alterou algumas vezes a assinatura do seu nome.<sup>16</sup> Apesar de não haver pesquisas que tratem com precisão desse fato, seu provável nome de batismo era *Mathias Ayres Joseph da Silva*, como constava no registro da Academia dos Aplicados de Lisboa, a qual passou a integrar aos 18 anos. Já nos documentos que lhe facultaram o grau de bacharel em Artes, na Universidade de Coimbra, constava-se apenas *Matias Ramos da Silva*, incluindo aí os sobrenomes do pai. Por outro lado, no requerimento que também fez do Hábito de Cristo e nas assinaturas dos Livros da Casa da Moeda, constava-se *Matias Aires Ramos da Silva*. E após a sua passagem pela França, onde foi estudar,

---

<sup>14</sup> Cf. ENNES, 1944, p. 487.

<sup>15</sup> Cf. Carta Régia de 31 de março de 1722 *apud* ENNES, 1944, pp. 363-366.

<sup>16</sup> Cf. MESQUITA, 1998, p.14; REAL, 2008, p. 19; ENNES, 1944, p. 367 – também constatei tal fato nas pesquisas que realizei em Portugal entre 2017 e 2018.

aproximadamente entre 1727 e 1734, altera o seu nome de Mathias Ayres Joseph da Silva para *Matias Aires José da Silva D'Orta*, sendo esse último o sobrenome da mãe que, como dito, era de família nobre. E em seu testamento e na primeira edição das *Reflexões* foi inscrito *Matias Aires Ramos da Silva de Eça*. Nota-se nessas duas últimas alterações a inclusão da partícula *D'* ou *de* que se trata da indicação nobiliárquica, como usam os franceses se referindo aos seus nobres. Mas o que é mais curioso é que “Eça”, sua última inclusão nominal, segundo os estudo de Miguel Real (2008), era o sobrenome da avó materna de uma recusada noiva, a filha do Barão da Ilha Grande, a qual o pai negou o enlace da filha com Matias Aires devido à condição social dele, sobre tudo de colono, preferindo interná-la num convento.

Por mais imprecisas que possam ser as datas e os registros acerca dessas mudanças, há que ressaltar que o nome é uma marca identitária do sujeito. A preocupação de Matias Aires com seu nome próprio e as variações nos revelam que ele queria preservar certa imagem, se apresentar seguido de uma herança hereditária manifesta: é a típica postura aristocrata, ligada a nomes de família, apegada à nobreza familiar, enobrecida pela ancestralidade e a procedência sanguínea. O que se constata é que Matias Aires zelava pela estampa de seu nome como quem criava mascaras para se apresentar diante do teatro da alta sociedade portuguesa.

Matias Aires viveu nesse meio conturbado e sua história, como dito, também é fonte de calorosas contradições. O mesmo autor que declama contra a vaidade é dono de uma vida estritamente marcada por ela.<sup>17</sup> Em resumo: uma vida suntuosa, cheia de faustos, coroada pelo brasão de família adquirido pelo pai, do qual não só herda a grande fortuna, mas também o título de Provedor da Casa da Moeda de Portugal, no mesmo período em que compra por 80.000 cruzados o Palácio dos Condes de Alvor, visando viver uma vida à altura da posição que começa a desfrutar. É Matias Aires quem também dá início a um processo junto da Mesa da Consciência e Ordens para habilitação ao Hábito de Cristo, assim como seu pai, sendo indeferido em 1727 por haver golpeado uma escrava, vindo a alcançá-lo, todavia, algum tempo depois, em 1729 (privilégio que lhe foi concedido em troca de uma subvenção para custear a estada de dois marinheiros na Índia). É ele quem trava as querelas contra a irmã, disputando o direito à herança e ao uso do brasão de família. É ele também quem entra em contato com um amigo solicitando que lhe trouxesse uma moça da França para que lhe servisse a dar filhos (o que nunca

---

<sup>17</sup> Cf. LIMA, 1952, pp. 9-20; ENNES, 1944, p. 83; MESQUITA, 1998, pp.14-20.

aconteceu). E ainda, é o homem culto, versado nas artes da escrita, viajado, estudante de Coimbra e da Sorbonne, rico e consciente dos níveis sociais. Tudo somado, está aí a caricatura que temos do autor das *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*: um homem que ao fim da vida, após se desentender com o Marquês de Pombal, em 1760, deixa o cargo da Casa da Moeda e se entrega definitivamente aos aposentos, misantropo, ressentido e rebelde, longe da sociedade na Quinta da Aqualva, nos arredores de Sintra, entregue à solidão, apesar da fortuna e da cultura, de onde olha para a própria vida e percebe que *tudo foi correr atrás do vento*, como diz o Eclesiastes.

O que se observa é que a obra de Matias Aires pode ser lida como uma expressão de seus conflitos, quase como uma tentativa de autoesclarecimento acerca das próprias ilusões. Ele mesmo reconhece logo no início das *Reflexões* que os homens têm em si mesmos um espelho fiel pelo qual veem e sentem as impressões da vaidade (AIRES, 2008, p. 15). Isso nos indica um passo metodológico fundamental no percurso filosófico do luso-brasileiro, porque é a partir deste espelho interno que nascem as suas *Reflexões*: o que se evidencia também a percepção do homem-autor contrapondo a si mesmo pelas vias da autorreflexão. Em outras palavras, é o reflexo desse espelho interno que dá o contorno da sua antropologia moral, fitando a si mesmo a contrapelo. Matias Aires tinha consciência disso quando assume no prólogo ao leitor as suas limitações frente ao problema que encara. Tanto é que não nega a própria vaidade – principalmente enquanto escritor – e diz que escreveu sobre a vaidade para instrução própria, e não para doutrina dos outros, crendo que a confissão da culpa costuma fazer menor a pena (AIRES, 2008, p. 19-21).

Esses fatos biográficos não passam de recortes específicos, evidentemente, que dão um panorama contextual da obra, mas são eles que revelam certos aspectos psicológicos do autor. Podemos imaginar o quanto foi tormentoso para Matias Aires conviver consigo mesmo na condição de colono. Sua mãe era brasileira e seu pai português, mas o sobrenome da mãe tinha mais peso que o do pai, em meio a uma sociedade patriarcal e aristocrática, onde nem o nome o nome do pai e nem o da mãe lhe garantiam o medalhão da ascensão social. Em contraponto, assistiu à constância do pai no processo de ascensão social, trabalhando para estar em evidência na corte portuguesa. Não podemos deixar de pensar o quanto deve ter sido influenciado pelas tentativas de nobilitação do pai: viu-o ser respeitado, mesmo sabendo da origem humilde que tinha e consciente que na sociedade portuguesa havia níveis sociais inultrapassáveis. Com efeito, o estudioso Miguel Real (2008) chama a atenção para o fato de que Matias Aires bem

poderia ter dado testemunho nas suas *Reflexões* sobre o próprio pai, dizendo que José Ramos da Silva sempre se guiou pela vaidade, mais do que pela fé, pela virtude, pela pátria, pela honra ou pelo dinheiro, seja procurando esconder a condição de filho de lavrador pobre, ou tentando ascender a um estatuto social de nobreza. Mas Matias Aires não faz isso. O ocorrido foi que, após a morte de seu pai, em 1743, ele entra num processo de recolhimento na recém-comprada Quinta da Aqualva, o que podemos entender como uma interiorização psicológica que culmina na publicação das *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, nove anos depois, em 1752. Resulta daí o que ele mesmo nos diz, mais tarde, na *Carta sobre a Fortuna*:

Com o tempo, perdi o amor, a vaidade, e esperança, estou pois sem esperança, sem vaidade, e sem amor. Estes eram os fortes laços, que me prendiam; já se quebraram, agora não sei verdadeiramente o que me prende; um resto de vida da belíssima prisão, e de pouca duração, por isso vivendo retirado não sigo as bandeiras da fortuna, e já lhe disse a Deus: milito nos campos do desengano, campos solitários, ou menos frequentados; porém mais seguros, neles considero a fábrica inocente de uma rosa inculta, de um lírio triste, de uma açucena virginal; estes são os meus objetivos, os meus cuidados, e os meus empenhos são os mestres, que me ensinam fielmente, mestres mudos, mas severos, a bem considerá-los, a rosa me insinua, que a formosura é como sombra leve e passageira, o lírio na sua cor me diz, que toda a alegria se converte em luto; a açucena indica, que se a virtude é permanente, que lições podem haver mais verdadeiras, fáceis de aprender, difíceis de observar; a mocidade louca só gosta de loucas instruções, e zomba galantemente das que são menos galantes; mas que pouco dura o enredo que diverte, e quão depressa chega a tragédia, em que o mesmo enredo acaba! (AIRES, 2008, p. 181-182).

Ora, não se pode negar que a própria vaidade do autor e suas frustrações o levaram a uma série de investigações reflexivas que, intrinsecamente, propõem um tratado acerca da natureza humana sob o reflexo do espelho do próprio eu: uma imagem estritamente pessimista e cética da condição humana. A busca empreendida por Matias Aires parece ser uma emancipação de si, mas vela essa suposta intenção e a emprega unicamente ao papel da Providência Divina. Ele mesmo afirma que o homem nunca pode ser nem mais nem menos do que é, pelo contrário, se o for ou se pensar que o for estes serão apenas atributos imaginários encenados pelas máscaras da vaidade, cabendo apenas à Graça a possibilidade de distinção dos homens.<sup>18</sup> Ao que tudo indica, as *Reflexões sobre a Vaidade* de Matias Aires são, portanto, uma espécie de escancaramento do próprio eu, como Montaigne que queria pintar a si mesmo e se mostrar nu, em seus *Ensaio*s, vindo a

---

<sup>18</sup> Cf. AIRES, 2008, § 49-50.

apostar na filosofia cética como a única capaz de tal intento, dizendo o seguinte na *Apologia de Raymond Sebond*:

Ela [a doutrina cética] apresenta o homem nu e vazio, reconhecendo sua fraqueza natural, apropriado para receber do alto uma força externa, desguarnecido de ciência humana e portanto mais apto para alojar em si a divina, anulando seu próprio julgamento a fim de dar mais espaço para a fé [...]. É uma tábua rasa preparada para assumir pelo dedo de Deus as formas que a este aprouver nela gravar [...]. Aceita de bom grado as coisas, diz o Eclesiastes, com o rosto e o gosto que se apresentarem a ti, dia a dia; o restante está fora de teu conhecimento (MONTAIGNE, 2000, p. 260).

Matias Aires, de seu lado, encontra refúgio na escrita de suas *Reflexões*, acentuando a sua postura pessimista ao se afastar paulatinamente do mundo e se tornando misantropo, bem como o seu ceticismo que é tomado como uma filosofia de vida que, através das vias da autorreflexão, lhe levaria ao Matias Aires por detrás das próprias máscaras. O seu afastamento da sociedade e seu recolhimento na Quinta da Agualva parece ter sido induzido também pelas crescentes dificuldades econômicas: além de não acrescentar um vintém à fortuna paterna, também perde o cargo que herda do pai, e ainda gasta uma fortuna com os conflitos testamentários com a irmã Teresa Margarida (REAL, 2008). Não é à toa que Matias Aires dedicou longuíssima parte da obra para falar sobre a vaidade da nobreza;<sup>19</sup> e ainda para falar sobre a vaidade da honra repetidas vezes.<sup>20</sup> De modo que também fala da vaidade do retiro solitário ou do eremita, no § 20; e fala também da vaidade na desgraça, na miséria, no suplício e no sacrifício da vida.<sup>21</sup> O fato é que a obra, nesse sentido, bem poderia ter sido a “cura” da vaidade do autor. Mas, não houve cura!

### **Considerações Finais**

O desenvolvimento desse artigo se deu através da proposta de investigação das possíveis motivações no interior das *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, de Matias Aires. Um trabalho que encontrou muitos caminhos, mas que aqui se apoiou numa chave de interpretação baseada na contextualização da vida e da obra do autor. O que se pode concluir é um processo intenso de imersão nas entranhas da sua própria experiência de

---

<sup>19</sup> Cf. AIRES, 2008, §§ 138-163.

<sup>20</sup> Cf. AIRES, 2008, §§ 4, 25 e 74.

<sup>21</sup> Cf. AIRES, 2008, §§ 33, 63, 64 e 69.

vida. O brasileiro de nascença, filho de endinheirado, nobre por aquisição de cargo, formado na França, se sentia um desterrado em Portugal, era um verdadeiro “intelectual diletante estrangeirado” com suas francesias.<sup>22</sup> Isso refletiu profundamente na sua filosofia, que se substanciou no contato com os conflitos e dilemas de uma vida marcada pela vaidade que ele mesmo fez questão de descrever e criticar, ao reatar uma vertente da filosofia socrática que vê na filosofia antes de tudo a medicina da alma, como aliás os moralistas franceses.

Por fim, vale lembrar o que já foi dito alhures, pois não se pode negar que o próprio Matias Aires deixa pistas ao reconhecer que os homens têm em si mesmos um espelho fiel pelo qual veem e sentem as impressões da vaidade (AIRES, 2008, p.15). Mas, é preciso retomá-lo ao final, porque é a partir deste espelho interno que nasceram também as suas *Reflexões*, evidenciando aí, como dito antes, a percepção do homem-autor contrapondo a si mesmo pelas vias da autorreflexão. Podemos dizer agora, com mais precisão, que foi o reflexo desse espelho e a nostalgia do passado, somados ao desassossego frente ao futuro, que delinearão o contorno da sua antropologia moral.

Finalmente, tomo a liberdade de terminar este artigo parafraseando Alceu Amoroso Lima (1954, p. 20), traduzindo de forma sintética o que acabamos de ver aqui: vimos na elegância e na sobriedade das *Reflexões* a experiência de uma vida e o reflexo de um caráter; agora, com facilidade imaginamos o velho Matias Aires caminhando ao crepúsculo, de volta para a sua Quinta, apoiando-se em sua bengala de solitário e sábio; ele olha o sol morrer ao longe do alto das colinas, assim como também morreram nas colinas do seu passado as ilusões de grandeza e as recordações da França; ali, ao pôr-do-sol, com os olhos fixos no horizonte intangível, o vemos refletir, amargurado, murmurando pensamentos que lhe escapam pela boca, sussurrando derradeiro: *foi tudo correr atrás do vento!*

## Referências

- AIRES, M. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens: ou Discursos Morais sobre os efeitos da Vaidade oferecidos a El-Rei Nosso Senhor D. José I.* Rio de Janeiro: Editora Escala, 2008. 170 p.
- BERLIN, I. Os Filósofos das Luzes. In: HARDY, Henry (Org.). *O Poder das Ideias*. 15. ed. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006. p. 61-80.
- CALAFATE, P. (Org.). *História do Pensamento Filosófico Português*. Vols. II e III. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

---

<sup>22</sup> Cf. DOMINGUES, 2017.

- COXITO, A. *Estudos sobre a Filosofia em Portugal na Época do Iluminismo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, 276 pp.
- DOMINGUES, I. *Filosofia no Brasil: Legados e Perspectivas: Ensaios Metafilosóficos*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- ENNES, E. *Dois paulistas insignes: Jose Ramos da Silva e Matias Aires Ramos da Silva de Eça: (contribuição para o estudo crítico da sua obra) (1705-1763)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- LIMA, A. A. Introdução. In: AIRES, Matias. *Reflexões sôbre a Vaidade dos homens: ou Discursos Morais sôbre os efeitos da Vaidade oferecidos a El-Rei Nosso Senhor D. José I*. São Paulo: Livraria Martins, 1952. p. 9-20.
- MARGUTTI PINTO, P. R. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens: Hume e Matias Aires*. Kriterion, Belo Horizonte, n. 108, p. 253-278, dez. 2003.
- MESQUITA, A. P. *Homem, Sociedade e Comunidade Política: O Pensamento Filosófico de Matias Aires (1705-1763)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998.
- MONTAIGNE, M. *Os Ensaios: Livro II*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio, do exemplar de Bordeaux, com notas de Pierre Villey. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- REAL, M. *Matias Aires, filósofo sintrense*. 2006. Disponível em: <<http://alagamaresnews.blogspot.com.br/2012/12/matias-aires-filosofo-sintrense-por.html>>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- \_\_\_\_\_. *Matias Aires: As Máscaras da Vaidade*. Prefácio de António Braz Teixeira. Lisboa: Sete Caminhos, 2008.
- RODRIGUES, R. P. V. Morte e vaidade: um ensaio acerca da antropologia moral desenvolvida pelo filósofo luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763). *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 53, p. 191-202, ago. 2019.

*Recebido em: 26/09/2020*  
*Aprovado em: 13/10/2020*